

	Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		1 de 20

DEMAND, N. H.

1990. *Urban Relocation in Archaic and Classical Greece: Flight and Consolidation*. University of Oklahoma Press, Norman and London: 3 - 27.

[tradução: Patrícia B. do V. Pontin; revisão Cibele E. V. Aldrovandi; Labeca]¹

Capítulo 1

Introdução

Um dos aspectos mais intrigantes do desenvolvimento histórico da pólis grega, ou cidade-estado, é o fato de que muitas *póleis* foram deslocadas de um lugar para o outro pelos seus habitantes. Em alguns casos, uma única pólis foi movida de um local para outro; em outros casos, duas ou mais *póleis* uniram-se em um movimento (chamado de sinecismo), quer para o sítio de um dos participantes ou para um único sítio novo. Os mapas 1-5 ilustram a dimensão deste fenômeno nos períodos Arcaico e Clássico.

Mas estas realocações foram mais importantes do que simplesmente seus números. As primeiras realocações de uma única cidade frequentemente criaram ambientes nos quais a vida intelectual floresceu. Assim, Eleia produziu o filósofo Parmênides, fundador da escola Eleática, e Abdera foi a casa tanto do grande sofista Protágoras, quanto do filósofo Demócrito, inventor da primeira teoria atômica. As realocações posteriores, que geralmente assumem a forma de sinecismo, criaram cidades-estado poderosas que mudaram o curso da história da Grécia. O sinecismo de Siracusa, por exemplo, tornou possível a derrota decisiva da ameaça cartaginesa pelos gregos no oeste, em 480 a.C., uma vitória que os gregos equipararam ao seu grande triunfo sobre os persas em Salamina. E, no século IV a.C., o sinecismo de Megalópolis e Mantinea foi um fator importante no final do domínio militar espartano na Grécia, que tinha durado mais de dois séculos. Os sinecismos também foram utilizados como defesas contra o imperialismo ateniense, tanto no V quanto no IV século a.C. Mas talvez o mais importante, o processo de sinecismo que pretendia garantir a independência da pólis tornando-a uma megalópole, ironicamente, contribuiu para o desaparecimento da pólis como a principal entidade política autônoma do mundo grego.

É surpreendente que um fenômeno tão amplo e com consequências

¹ Traduzido sem as notas de rodapé.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		2 de 20									

importantes na história grega nunca tenha sido objeto de estudo sistemático. Na verdade, esta é uma negligência dos legados da História Antiga, com a sua única vocação de atenção à política partidária interna e às campanhas militares. Esta perspectiva restrita levou os estudiosos a concentrarem-se nos aspectos políticos do sinecismo e estes esforços têm sido centrados quase que exclusivamente em um debate estéril sobre o sinecismo ser oligárquico ou democrático por natureza. Os aspectos demográficos e geográficos do sinecismo - a verdadeira realocação física do local da cidade - foram considerados secundários e de pouco interesse.

Em consequência desta abordagem limitada, quando a realocação física tem sido mencionada em tudo o que tem formado a base de pressupostos não analisados que estabelecem as motivações por trás dela, os pressupostos que têm, ao longo do tempo, sido considerados como fatos. Assim, estudiosos têm assumido que as principais causas de realocação foram os problemas ambientais (principalmente assoreamento), o desejo de aumentar o comércio, a intenção de promover os interesses de uma democracia ou uma “festa” oligárquica, ou o desejo de viver em uma cidade moderna planejada ortogonalmente. A realocação foi mesmo atribuída ao que pode ser chamada de uma teoria “copy-cat”: cidades vizinhas têm feito isso, por que razão nós não devemos? A maioria das declarações sobre as realocações que têm por base estas pressuposições óbvias são feitas por breves instantes e de passagem. A passagem mais sustentada, no entanto, ilustra o tipo de pensamento que tem dominado as considerações sobre a realocação grega urbana. Porventura, não é de surpreender que não se trate de uma História da Grécia, mas de um estudo sobre urbanismo grego, Roland Martin em *L'Urbanisme dans la Grece antique*:

Mas aconteceu que, pressionados pelas condições geográficas ou pela evolução das necessidades econômicas ao longo de séculos, modificaram-se os estabelecimentos primitivos (de cidades). Podemos ver, como em Mileto, a atração do porto comercial e de intercâmbio provocar uma realocação da cidade e determinar o abandono do local arcaico. O desenvolvimento comercial teve efeitos análogos aos de Éfeso e, progressivamente, mudou o local primitivo da cidade até o final da época romana. Estas transferências e adaptações não eram raras na costa leste do Mar Egeu. O assoreamento dos grandes rios da Anatólia – o que obrigou a alteração do curso do Hermus no final do século XIX para salvar Esmirna –, não são irrelevantes para as migrações, que foram imperativas para as cidades cuja prosperidade foi amarrada ao grande comércio e aos itinerários associados aos seus vales. Não sabemos as razões que levaram os magnésios, em cerca de 400 a.C., ou os prienos, no final do quarto século a.C.,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		3 de 20									

a realocar as suas cidades; às razões de segurança e talvez de saúde também foram adicionadas as preocupações práticas e as necessidades econômicas; o desaparecimento de Myus, arruinada por medidas de proteção dos milésios contra o assoreamento do Meandro e depois absorvido por aqueles que tinham provocado este declínio, demonstra a realidade do perigo.

Embora a sinopse de Martin esteja firmemente baseada numa suposição muito utilizada sobre realocação urbana, uma investigação da evidência desses movimentos mostra que quase todos os aspectos de seu tratamento breve das realocações urbanas está errado para os períodos Arcaico e Clássico.

Devo admitir que foram precisamente estas mesmas hipóteses sobre as causas da realocação urbana que primeiro me interessaram no assunto. Eu pensei que um estudo dedicado à realocação traria contribuições importantes para estudos ambientais e para a história econômica, social e urbana. Mas uma investigação cuidadosa de todos os casos em seu contexto histórico, apesar de ter que enquadrá-las em termos destes pressupostos comuns, eventualmente, revela uma conclusão inevitável, mas bastante diferente: os gregos moviam cidades não por qualquer uma das razões, mas só em face a uma ameaça externa a sua existência como entidades políticas autônomas. Na parte inicial do período abrangido por este estudo, tais movimentos geralmente assumem a forma física de uma fuga para sítios distantes; posteriormente, por uma variedade de razões que serão discutidas a seguir, a maioria das cidades abandonou a realocação-fuga e recorreu ao avanço conjunto (sinecismo) para formar uma grande e poderosa cidade que poderia resistir a ameaça.

Mas eu mal posso esperar para alterar preconceitos profundamente enraizados por um breve relato das minhas conclusões. Antes, eu convido o leitor a acompanhar com paciência a análise concreta de casos individuais que se segue e, em seguida, a julgar por ela ou ele próprio se os pressupostos antigos ainda podem ser mantidos. Mas primeiro, as regras básicas da investigação devem ser precisadas.

Definição dos objetivos

Meu objetivo neste estudo é apresentar uma resposta a uma questão histórica: por que os gregos movem cidades? Este objetivo tem importantes consequências para a definição e a limitação da investigação. Por exemplo, o estudo limitou-se à realocação de assentamentos por uma decisão consciente

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		4 de 20									

da autoridade governante estabelecida e levada a cabo como uma única ação, embora, como uma questão prática, a execução pôde estender-se ao longo de um período de tempo. Excluí os casos em que a decisão de reconstruir no mesmo local, não era possível, como a refundação de Achaean Bura após a cidade e seu sítio terem sido engolidos por um terremoto e pelo fluxo das marés. Também excluí os casos de expansão urbana ou gradual da população flutuante, os quais refletem a soma total das decisões individuais, em vez de avançar para uma decisão oficial da comunidade. Em um mundo que funciona com o conceito de terra 'ganha por meio da espada', autoridades governantes incluíam vencedores de guerra. Tenho, no entanto, excluído realocações puramente punitivas (deportações) e realizadas pelos conquistadores exclusivamente para fins estratégicos imediatos, como a realocação de Magnésia no Meandro. Em alguns casos, contudo, a linha entre as realocações que eram parte das operações militares e aquelas que eram realizadas pelos conquistadores em seus papéis como legítimos governantes pode ser tênue.

Para a maior parte dos casos, as entidades que eu considero eram as *póleis*, embora aldeias, ou *kómai*, também estejam incluídas. Novamente, as definições são difíceis, pois não houve consenso geral sobre o critério de pólis, mesmo na antiguidade. Embora, na maioria dos casos, não tenha havido discordância sobre uma determinada localidade ser uma pólis ou apenas um *kóme*, os conceitos tinham arestas amorfas. Em parte, esta indefinição era simplesmente um aspecto do desinteresse geral dos gregos pelo vocabulário técnico, mas, em parte, é um problema inerente ao assunto em si: ainda hoje, a definição de cidade permanece um assunto de debate entre os historiadores urbanos.

Um aspecto importante do conceito de pólis, que é especialmente relevante para a investigação da realocação, é a questão de saber se a identidade da pólis era baseada em seus cidadãos e em suas atividades ou nas suas características físicas. Evidência muito antiga apóia a opinião de que a pólis era comparada com os seus cidadãos e não com sua localização específica ou com seus edifícios. Assim, Aristóteles define a pólis como "uma comunidade de famílias e agregações de famílias para o bem-estar, por motivos de uma vida perfeita e auto-suficiente. Outras evidências apontam na mesma direção. Por exemplo, decretos eram passados em nome "dos atenienses" ou "dos milésios", e não em nome de "Atenas" ou "Mileto". Alceu diz que os homens, não muros, fazem a pólis, e Ésquilo faz eco a ele nos *Persas* quando diz que a cidade de Atenas é seus homens, não muros que podem ser destruídos. Quando Tucídides descreve a partida do derrotado exército ateniense de Siracusa como uma pólis em voo,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca	5 de 20										

implica que, como uma comunidade de cidadãos, a pólis era móvel.

Alguns estudiosos têm, no entanto, sustentado que uma pólis era identificada por sua localização física específica. Assim, C. G. Thomas, baseado na declaração de Aristóteles de que os dois elementos essenciais de um Estado formam um corpo cidadão e um território, deduz que uma pólis era idêntica ao seu território. Ela alega que não era móvel e que a única saída contemplada era a colonização. Mas a exigência de território não significa, necessariamente, um território único e específico. Novamente, D. R. Cole argumenta, a partir de um estudo de terminologia grega que “uma pólis é considerada como um fenômeno local... vinculada a um local específico”, e que a interpretação política e comunal de pólis (a pólis como idêntica aos seus cidadãos) só pode ser utilizada metaforicamente em relação ao século quinto. Mas em tais definições de pólis, em termos de local físico, não se consideram as inúmeras realocações urbanas que, de fato, ocorreram. A análise destas oferece um forte apoio para a definição da pólis como uma comunidade humana, ao invés de uma localização geográfica única.

Apesar das evidências de que os gregos identificavam a pólis com seu povo, uma pólis que precisava de um território e as relações da pólis com seu território, ou *khóra*, tem sido um foco de interesse acadêmico muito recente. Não é possível, no entanto, entender totalmente o papel que desempenhou a *khóra* na vida da pólis até entendermos, também, porque um número considerável de gregos estava disposto a abandonar inteiramente suas terras e suas casas por novos sítios, ou para colocar-se a distâncias inconvenientes de seu campo, criando maiores *póleis* com o sinecismo. Atualmente, aceito respostas a estas questões, especialmente aquelas que por razões econômicas, político-partidárias ou pelo desejo de uma cidade planejada, de fato, fazem muito para banalizar os laços que os gregos tinham de suas terras. Só quando nos apercebemos que a sobrevivência era a meta que empurrou as pessoas para esses extremos é que vamos ser capazes de compreender plenamente a natureza (e limitações derradeiras) da ligação entre a pólis e o seu território.

Outra forma de circulação da população, que também envolveu a perda da casa foi, naturalmente, a colonização. Contudo, a colonização diferiu significativamente da realocação, pois apenas um pequeno segmento da comunidade era movido, deixando a cidade mãe intacta. Na realocação, a intenção era uma remoção total e replantação do corpo cívico. No entanto, em algumas realocações, pequenos remanescentes da comunidade podem ter ficado para trás, ou porque alguns moradores se recusaram a abandonar

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca	6 de 20										

ou porque ficaram “oficialmente” cuidando de santuários imóveis. Por isso, temos que definir realocação por registro ou pela intenção inferida antes da bem sucedida implementação dos planos. O caso de Focéia fornece um bom exemplo: Heródoto nos diz que todos os cidadãos juraram realocar, mas deram meia volta em seu juramento durante uma busca traumática por um novo sítio.

Em alguns casos de colonização, realocações de assentamentos ocorreram durante o processo de criação da colônia, em uma instalação permanente. Um exemplo bem conhecido disso é fornecido pelas vicissitudes que os colonizadores de Cirene suportaram antes que, finalmente, fundassem um último assentamento. Em certo sentido, esses movimentos fizeram parte do processo de colonização, mas em outro, as decisões se basearam nos assentamentos existentes para realocação. No entanto, a natureza breve e, talvez, intencionalmente temporária do assentamento preliminar coloca estas realocações em uma classe isolada e eu escolhi excluí-las neste estudo.

As fronteiras, algumas vezes difusas entre colonização e realocação urbana estão refletidas na tendência dos gregos a se referir à realocação em termos emprestados do vocabulário da colonização ou de realocações individuais. Assim, o termo *metóikesis*, emprestado de sua aplicação mais frequente a cada realocação individual, por vezes, é encontrado nos textos antigos. Outros textos, que seguem o padrão mais familiar de colonização, referem-se à realocação simplesmente como “fundadores” (*oikízo*) de uma pólis. Algumas vezes, os autores antigos tentaram ser mais descritivos, como quando Tucídides utiliza o termo *anoikízo* (para se deslocar até o país) para afastar-se do mar, no sinecismo de Olinto. Quando mais de um assentamento é movido junto, muitas vezes, os escritores antigos utilizam o termo sinecismo (embora Diodoro use *metóikesis* para o sinecismo de Lalysus, Lindus, e Camirus que formou Rodes). Sinecismo, no entanto, também era utilizado apenas como um sinônimo para *oikízo* para denotar uma pólis fundada pela colonização, bem como uma política de mera “coabitação”, como no famoso caso do sinecismo de Atenas.

A partir desta variedade de termos, eu escolhi *metóikesis* e realocação como termos gerais para designar a realocação de um único ou de múltiplos assentamentos. Para referir-me especificamente às realocações que envolvam mais de um assentamento, o termo sinecismo é a escolha óbvia (ou sinecismo físico se o aspecto físico de mover necessitar de ênfase). Os sinecismos políticos simplesmente não fazem parte da presente investigação.

Realocações são comprovadas na maioria das áreas do mundo grego. Elas parecem ter sido especialmente predominantes na Anatólia

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		7 de 20									

(embora este aspecto seja, pelo menos em parte, o resultado de uma hipotética realocação postulada por acadêmicos modernos) e na Sicília, onde manipulações urbanas foram frequentemente empregadas por tiranos para aumentar seu próprio poder e prover os seus mercenários. As realocações também ocorreram na Grécia continental, nas ilhas do Mar Egeu e no norte da Grécia. De fato, o Mar Negro se destaca como a única grande área de assentamento grego que não fornece um exemplo claro de realocação.

O ponto de partida temporal para este estudo é o início da pólis, embora esta data, em si, ainda seja uma questão controversa. Desde que alguns estudiosos sustentaram que a origem da pólis pode ser encontrada no sinecismo físico de assentamentos das aldeias, não limitei a minha investigação ao total desenvolvimento da pólis (ela própria uma questão de definição incerta). A fronteira é, porém, fornecida pelo colapso dos reinos micênicos que, ao menos politicamente, se situavam em flagrante contraste com a pólis grega.

Houve, naturalmente, as realocações de assentamentos e as alterações na Idade do Bronze, a circulação em sítios de refúgio é bem documentada nesse período, especialmente em Creta. Mas, além da aparente motivação óbvia por trás das remoções para alturas quase inacessíveis, pouco do que se pode inferir a partir da evidência arqueológica muda sobre a motivação ou o contexto histórico de movimentos da Idade do Bronze: arqueólogos formularam modelos explicativos em alguns casos, mas estes servem como hipóteses a serem testadas e não como fato histórico.

Um ponto natural para parar é o fim da pólis como forma política predominante no mundo grego, ou seja, a morte de Alexandre e o início do período Helenístico. Essa divisão não é, naturalmente, tão clara como a terminologia sugere, pois as megalópoles dos sucessores de Alexandre foram previstas pelas megalópoles criadas por sinecismos “clássicos” que remontam ao sinecismo de Siracusa, por Gelon.

Em matéria de definição, tenho tentado ser flexível e evitado excluir casos por razões técnicas, ao invés de razões substantivas. O núcleo central de casos de realocação é claro; nas bordas, entretanto, existe uma certa área de indefinição. Casos marginais, no entanto, têm um número reduzido e sua inclusão ou exclusão não alteraram significativamente as conclusões do estudo.

A evidência

As evidências sobre as realocações urbanas vêm de uma grande

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		8 de 20									

variedade de fontes. Em alguns casos, moedas ou inscrições têm um papel importante, mas a prova mais significativa é, geralmente, fornecida por textos literários e relatórios arqueológicos. Ambos os tipos de evidência apresentam problemas e exigem alguma discussão.

No meu uso de textos literários, tenho invocado quase que inteiramente os relatórios apresentados de forma simples, não mitológica, como uma declaração em Estrabão de que uma cidade foi transferida, ou a narração detalhada, em Pausânias, do sinecismo de Megalópolis. A precisão e o valor de tais fontes variam e os problemas apresentados por evidências específicas são discutidos em casos particulares.

Em geral, tenho evitado usar a evidência de realocação que aparece nas lendas de fundação com roupagem mitológica. Como a maioria desses casos, se interpretados como históricos, foram anteriores à época em que estamos lidando, eliminá-los não afeta significativamente o corpo de dados em questão. Tenho, contudo, que fazer uma exceção ao investigar a questão de saber se a pólis teve sua origem no sinecismo. Ao discutir essa questão, tenho que considerar algumas tradições mitológicas, porque a evidência arqueológica para apoiar a autoridade de Aristóteles é inconclusiva e me pareceu fundamental considerar todas as evidências possíveis sobre o assunto. E, de fato, a investigação destas lendas provou ser útil para revelar como um fator comum importante em todas as lendas, nas quais a pólis parece ter sido criada por meio do sinecismo, o papel que os forasteiros desempenharam na realização do sinecismo. Este padrão levou-me a concluir que os gregos consideravam a fundação da pólis pelo sinecismo como sendo um caso especial ocorrido após a conquista estrangeira. Em outras palavras, eu utilizei as lendas como prova do pensamento dos gregos e não como evidência de eventos históricos.

A minha utilização de Heródoto também exige observação. Ele não fornece apenas informações detalhadas sobre as realocações específicas mas, também, revela material que considera a questão efetiva para o seu público-alvo. Ele faz isso, tanto diretamente, como quando elogia os atenienses na decisão de permanecerem colocados durante a segunda Guerra persa e, indiretamente, quando ele utiliza um conto moral sobre Ciro para terminar *História*. Tenho utilizado os métodos de análise literária para iluminar este ponto de vista, mas isto não incorre na implicação de que *História* seja um trabalho “literário”, em vez de um trabalho composto primariamente na tradição oral. Tanto a *Ilíada* quanto a *Odisséia*, que são os produtos de composição oral, contêm grandes temas expressos de diversas formas ao longo destas obras (para oferecer apenas um

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca	9 de 20										

exemplo óbvio, o tema do “regresso” na *Odisséia*). De maneira semelhante, *metóikesis* é um tema recorrente e global no trabalho de Heródoto; como tal, oferece informações valiosas sobre a direção de seu intento e preocupação com a realocação.

A interpretação e a avaliação das evidências arqueológicas também apresentam problemas para o historiador. Neste estudo, o grande desafio envolve a interpretação da evidência, ou a falta de evidência, para a existência de uma cidade. Quanto e que tipo de material é necessário para estabelecer a existência de uma pólis em um determinado sítio em um dado momento? Que peso deve ser dado à chamada “prova negativa”, na ausência de um local de um sítio em um período particular, inferindo a inexistência de uma pólis? Quais foram as condições em que uma determinada escavação foi realizada? Qual a probabilidade de haver evidências significativas de habitação que foram perdidas ou consideradas desinteressantes? Concordar que o arqueólogo tenha o mais próximo e completo conhecimento de verificar, é ele/ela também o melhor intérprete desses achados no contexto histórico? Um exemplo de uma situação problemática é oferecido por Cnido: G. E. Bean e J. M. Cook postularam sua realocação, no século quarto, mas a arqueóloga Iris Love rejeita esta conjectura sobre o fundamento de que uma quantidade significativa e o tipo de material mais antigo foi encontrado no sítio. A maioria dos estudiosos seguiu Bean e Cook e aceitou a realocação como fato histórico, mas, como veremos, o caso para a realocação de Cnido não é, de fato, assente solidamente.

Outro problema apresentado pelo uso da evidência arqueológica é a questão de saber se estamos lidando com uma realocação oficial ou com os efeitos de um assentamento flutuante ou em expansão. Numerosos assentamentos em uma dada área foram abandonados ao longo de, digamos, trinta anos, como no caso da *khóra* de Ólbia, este movimento foi gradual, a mudança da população não foi planejada, ou foi o resultado de uma série de decisões conscientes? Ambas as questões são interessantes, mas as limitações deste estudo exigem que limitemos a nossa atenção aos casos em que uma intenção consciente pode razoavelmente ser inferida. Esta distinção, no entanto, muitas vezes não é fácil de ser feita e eu tenho geralmente estado propensa a preferir o lado da inclusão em vez da exclusão.

Devo adicionar uma palavra final sobre o problema das omissões involuntárias. Eu tenho incluído todos os casos de realocação atestados pelas fontes antigas ou postulados por estudiosos modernos que tenho encontrado.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		10 de 20									

Dada a grande variedade de casos e possibilidades, no entanto, é inevitável que eu tenha perdido alguns. No entanto, é improvável que essas omissões afetem significativamente minhas conclusões, que são baseadas em um grande número de casos que estão de acordo.

CAPÍTULO 2

Metóikesis e as origens da pólis

A união (*koinonia*) de várias aldeias (*kómai*) é a pólis completa. Aristóteles, *Política* [1252b27]. Muitos estudiosos interpretam a referida passagem como uma declaração histórica que identifica as origens da pólis no sinecismo. Além disso, a maioria das referências modernas para a realocação de assentamentos no período Geométrico grego e no início do período Arcaico aparece no contexto do debate sobre as origens da pólis, muitas vezes com a afirmação de que uma dada realocação criou uma pólis. É, portanto, adequado considerar as realocações atestadas para estes primeiros períodos, no âmbito da questão das origens da pólis. O problema do aumento da pólis é, no entanto, uma questão complexa e muito disputada, e que não pode ser tratada como total ou conclusiva dentro do limitado contexto da realocação e do sinecismo.

A análise de Aristóteles sobre as origens da pólis como grupos humanos unindo-se gradualmente, apresenta uma imagem que é fortemente calcada na teoria. Segundo o filósofo, o estado começa com a união do masculino e do feminino. Esta união, além de ser necessária para a sobrevivência, é, também, em termos aristotélicos, uma “regra natural e subordinada”. A união dessas duas forma uma família (com a possível adição de um boi). A união de várias famílias cria uma aldeia, a forma mais natural da qual é uma “colônia da família”, composta de crianças e netos, chefiada “naturalmente” pelo homem mais velho (à boa maneira aristotélica). O próximo passo é a *koinonia*, ou união de várias aldeias, que cria a pólis.

O principal objetivo de Aristóteles ao apresentar esta cadeia de argumentos é fornecer a prova de sua sentença de que o Estado é uma entidade natural: “Se as formas mais antigas de sociedade são naturais, também é o estado, pois ele é o fim delas, e a natureza de uma coisa é o seu fim”. Além disso, em conformidade com a lógica aristotélica da premissa de que o todo é anterior à parte, “o Estado é, por natureza claramente anterior à família e ao indivíduo, uma vez que o todo

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		11 de 20									

é necessário antes da parte”. De fato, a análise de Aristóteles sobre as origens do estado pertence ao contexto intelectual do debate clássico entre *nomos* (lei) e *physis* (natureza): foi pretendido responder aos desafios da autoridade dos *nomos* que eram baseados na alegação de que as leis eram uma imposição artificial. A análise de Aristóteles é, portanto, teoria partidária, não uma narrativa histórica objetiva.

A declaração de Aristóteles é igualmente vaga, de uma forma que tem contribuído consideravelmente para a confusão: a *koinonia* era uma união política ou física? E, neste último caso, era um produto de crescimento natural ou de ação deliberada? Embora a lógica da passagem, com as suas esferas de expansão de autoridade, pareça identificar a união como política e muitos estudiosos assim a interpretem, outros, em busca da origem da pólis, têm interpretado-a como um *sinecismo* físico. Isto é ilustrado por uma série de casos de realocação nos quais os arqueólogos modernos vislumbraram a ascensão de uma pólis no *sinecismo* físico. Um desses casos é fornecido por Lefkandi, na costa da Eubéia entre Calcis e a Erétria clássica.

Lefkandi é um exemplo bem conhecido de realocação do início da Idade das Trevas. A investigação arqueológica do assentamento original revelou que o seu povo tinha uma riqueza inesperada e contatos de longo alcance. Mais assombrosa foi a descoberta de um edifício de mais de 33 m de comprimento, cercado por um peristilo, que é datado da primeira metade do século X a.C. Ele continha dois enterramentos principescos, um homem e uma mulher, e foi identificado como um suposto santuário de herói. O tamanho do edifício atesta uma população inesperadamente grande e algum tipo de organização comunal que teria permitido a esta população ser aproveitada para a construção de um edifício monumental.

Por volta do final do século IX a.C., os enterramentos em Lefkandi cessaram repentinamente e existe evidência de uma redução drástica do número de habitações. O crescimento e desenvolvimento da vizinha Erétria, por volta desse período, e a atividade eubéia ininterrupta na cidade portuária síria de Al Mina, sugerem fortemente uma continuidade da população entre os dois locais. O abandono parcial de Lefkandi, portanto, tem sido amplamente interpretado como evidência de uma realocação da pólis e muitos estudiosos identificam Lefkandi como a antiga Erétria. A cessação de enterramentos marcou o final do assentamento oficial em Lefkandi; os descendentes devem ter feito isto como membros de uma pólis situada em outro local, na qual foram enterrados.

Evidência textual antiga de uma realocação completa os achados

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		12 de 20									

arqueológicos, mas é confusa tanto na geografia quanto na cronologia. Estrabão fala, em uma passagem, de uma Erétria velha (*palaia*), a qual tinha sessenta estádios de Delfínio, e de uma Erétria atual, que tinha quarenta estádios ao longo do Estreito de Oropo. Em outra passagem, no entanto, ele diz que a Erétria antiga (*archaia*) foi destruída pelos persas; ele parece estar colocando-a a leste da Erétria clássica (que foi, na verdade, o local atacado pelos persas) e ele identifica os sítios da antiga e da nova Erétria como o mesmo. Embora tenha sido encontrada uma solução completamente satisfatória para estas contradições, as passagens oferecem algum suporte para a ocorrência de uma realocação.

A mudança foi amplamente interpretada como um sinecismo, com outras comunidades participantes identificadas como Kotroni e Amarynthus. Estrabão falava de Amarynthus como pertencente a Erétria, mas a sua observação também indica que Amarynthus continua existindo e a sua realocação física não está atestada. Assim, a sugestão de um sinecismo envolvendo Amarynthus não é muito atraente, no entanto, se, ao que parece, Erétria existisse antes da chegada dos habitantes de Lefkandi, então sua chegada teria constituído um sinecismo. Mas, a realocação de Lefkandi, mesmo que fosse parte de um sinecismo, não deve ser identificada com a criação de uma pólis, pois não está claro que a nova Erétria tinha qualquer pretensão de ser considerada uma pólis mais do que Lefkandi, com seus extensos contatos externos, edifícios religiosos monumentais e uma notável acumulação de riqueza.

K. Schefold descreveu o movimento de Lefkandi como a primeira colonização da Erétria. Em um sentido literal, esta caracterização é enganosa, uma colonização preserva a fundação da cidade como uma entidade urbana viável, o que a mudança de Lefkandi não fez. Em um sentido metafórico, no entanto, pode haver alguma verdade nisso: a mudança pode ter servido, inadvertidamente, como um ensaio que forneceu um modelo para a subsequente, verdadeira, colonização pelos erétrios. Por outro lado, uma marca frequente de colonização – uma cidade com planta ortogonal –, não existe em Erétria. Embora estejam faltando elementos que, naturalmente, apóiem a hipótese de uma flutuação gradual e não planejada da população em um local já ocupado, o aparente abandono repentino torna-se mais provável do que alguma necessidade premente que tenha levado a um movimento rápido e desordenado.

Este quadro – de resposta à ameaça – forma a base da maioria das interpretações da causa do movimento, que incidiu sobre a localização de Lefkandi dentro da esfera natural de controle de Cálcis. Assim, os arqueólogos do sítio têm postulado que Cálcis pode ter tomado a terra na planície pertencente

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		13 de 20									

aos habitantes de Lefkandi, e que isto obrigou os habitantes a se mudar. Os novos latifundiários de Cálcis não teriam utilizado os cemitérios de Lefkandi, uma vez que tinham os seus próprios e poderiam gerir a terra como senhorios sem estar presentes, o que conta no nível reduzido de ocupação após o abandono dos cemitérios.

J. Boardman também interpreta a realocação como uma resposta à ameaça de Cálcis, vendo-a como uma tentativa de independência de Lefkandi. No seu cenário, os habitantes de Lefkandi deixaram para trás um posto avançado para garantir seu direito ao território, mas formalmente mudaram o local da sua pólis e seu cemitério para o local hoje conhecido como Erétria. O florescimento da nova Erétria independente, ameaçando eventualmente Cálcis e que, em última instância conduziu à guerra pela terra ao redor do sítio antigo na borda da planície (a famosa Guerra Lelantina). No decurso desta guerra, os restos do antigo sítio foram destruídos e ele foi totalmente abandonado. A interpretação de Boardman é compatível com a dos arqueólogos, especialmente se a decisão de buscar a independência seguiu o ataque dos calcídios (a evidência de um edifício queimado naquele momento tende a confirmar um aviso de ataque).

A discordância interna também tem sido proposta como um motivo para a mudança: como uma alternativa para a sua primeira proposta, os arqueólogos sugeriram que o conflito pode ter surgido entre os interesses da agricultura e da navegação na cidade, e que os dois grupos moveram-se em direções opostas, os proprietários de terras de Cálcis e os marinheiros de Erétria. Esta explicação segue na linha de uma teoria gradualista, mas os próprios arqueólogos reconhecem que esta interpretação é, provavelmente, anacrônica.

O caráter do novo sítio também favorece uma ameaça de Cálcis como a motivação para o abandono de Lefkandi. O sítio selecionado forneceu a vantagem de ser mais distante de Cálcis, uma acrópole íngreme e um bom porto, mas também tinha a desvantagem óbvia de estender-se em um delta cujos rios eram revoltos e necessitavam de controle no princípio do século VII. A escolha desse sítio reforça uma outra evidência de que a mudança não foi feita por escolha, mas em resposta à pressão de uma Cálcis hostil.

Em contraste com a situação em Lefkandi, na qual a investigação não tinha sido focada especificamente sobre a questão da formação da pólis, nos casos de Argos, Corinto e Atenas foi feita uma tentativa deliberada para testar a declaração de Aristóteles contra a evidência arqueológica. J. N. Coldstream afirma que esses sítios fornecem “evidência positiva abundante... coerente com o esquema de Aristóteles” sobre a formação da pólis em sinecismo. A evidência,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		14 de 20									

em cada sítio, é um abandono abrupto dos enterramentos no que mais tarde se tornou a área central da pólis.

A ideia de utilizar este padrão arqueológico como evidência para o sinecismo aparece, em primeiro lugar, nas investigações de R. Hägg em Argos. Naquela cidade, no final do período Proto-Geométrico, ocorreu uma concentração de assentamentos, enquanto cessou a utilização da área central para enterramentos, enquanto que os assentamentos periféricos foram gradualmente abandonados e utilizados como cemitérios. Hägg sugeriu que o movimento foi, em parte, mas não totalmente, defensivo. Uma vez que os assentamentos nucleados forneceram o núcleo para a cidade posterior, esta mudança no padrão de assentamentos pode ser identificada como o início da pólis. Hägg chama o movimento de “uma espécie de sinecismo”, pois ele não é capaz de dizer se foi voluntário ou forçado. A brusquidão da mudança parece marcá-la como deliberada e não, simplesmente, como um processo gradual.

No caso de Atenas, E. Brann relata que um abandono aparentemente similar dos enterramentos ocorreu por volta do ano 700 a.C., na área da antiga ágora. Ela, porém, não atribui a mudança a uma nova proibição contra os enterramentos num setor recentemente urbanizado, mas à superlotação de uma população crescente que não poderia dar-se ao luxo de utilizar espaço potencial de habitação para enterramentos. Ela interpreta a sequência de sepultamentos, em várias áreas de enterramento, como evidência de que um número de assentamentos independentes expandiu-se gradualmente até unir-se, de forma que “no século VII a.C., a área central da ágora era um bairro de habitação consistente”.

No caso de Corinto, R. Young foi o primeiro a registrar a cessação súbita de enterramentos no século oitavo na região central, que depois veio a se tornar o centro urbano. Mas seu comentário foi cauteloso, “Nós não podemos fazer qualquer dedução topográfica radical sobre o sinecismo da cidade ou de sua constrição com muros fortificados no século VIII a.C.”. C. K. Williams, um diretor posterior das escavações em Corinto, foi um pouco mais longe e postulou um primeiro estágio de urbanização na cidade, com base na mesma evidência, embora ele tenha evitado usar a palavra sinecismo. Apesar da cidade com centro nucleado, as habitações na área ao redor continuaram de uma forma dispersa, com diferentes comunidades que cresceram em torno de fontes de água e se expandiram ao longo de linhas naturais de comunicação entre os centros. Williams afastou-se ainda mais da cautela de Young, com a sua identificação de uma fase final de urbanização em algum momento do último terço do século

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		15 de 20									

VII a.C., na forma de uma muralha defensiva que rodeava estas comunidades ainda separadas fisicamente. J. Williams definiu o grau de urbanização pelo grau de controle comunitário que uma autoridade era capaz de exercer, como demonstrado primeiramente pela mudança brusca nas práticas de enterramento e, mais tarde, pela construção e defesa de um muro, mas ele não os associou ao sinecismo ou ao início de uma entidade urbana específica, a pólis. Foi Coldstream quem deu esse passo. Ele interpretou a mudança das práticas de enterramento em Corinto, no século VIII a.C, como um sinal de sinecismo e garantiu que isto apoiava a declaração de Aristóteles sobre as origens da pólis no sinecismo.

Em contrapartida, as investigações sobre a história de Corinto, por C. Roebuck e J. B. Salmon, não atribuíram nenhum significado político à mudança nos padrões de assentamento. Ambos os estudiosos vêem Corinto como um Estado unificado politicamente vivendo à maneira de uma aldeia devido à sua fundação dórica. Roebuck rejeita explicitamente a evidência arqueológica de um centro cívico, como evidência do estatuto da pólis, ele sustenta que Corinto surgiu como uma pólis no período 750-700 a.C, como resultado de uma simples reorganização política da população em oito unidades baseadas no território. Ele atribui esta reforma aos baquíadas e a chama de sinecismo. Como sinecismo, no entanto, esta reorganização definitivamente cria um problema: é possível um estado politicamente unificado sofrer sinecismo político? Salmon, com efeito, responde a esta pergunta na negativa, afirmando que a Corinto dórica, uma vez que, desde o início, foi politicamente unificada, não exigiu um sinecismo para tornar-se uma pólis. Ele explica a mudança nos padrões de enterramento em Corinto, como Brann fez em Atenas: foi o resultado da pressão demográfica sobre a área original de assentamento, aumentada por uma expansão do tamanho médio da habitação. A mudança, portanto, não tinha qualquer significado político.

Estas divergências refletem visões diferentes sobre o tipo de evidência que é válida para determinar a origem da pólis. Em particular, elas demonstram que, pelo menos nos casos que temos considerado, as evidências arqueológicas não forneceram uma solução inequívoca ou universalmente aceita para o problema. A afirmação de Coldstream, que justificou Aristóteles por meio da arqueologia deve, portanto, ser considerada prematura, na melhor das hipóteses.

Passando às outras afirmações, baseadas nas evidências arqueológicas, um número de realocações e abandonos no século sétimo na ilha de Paros, no Egeu, tem sido associado, por D. M. Schilardi, à formação da pólis. As comunidades impressionantemente planejadas e construídas sobre uma acrópole fortificada como de Koukounaries e sobre a colina baixa fortificada, que constitui o sítio de

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		16 de 20									

Oikonomos e alguns assentamentos Geométricos (Kargadoura, Filizi, Sarakinika, Livadera) em torno da baía de Naussa, todos foram abandonados pacificamente naquele período. Schilardi sugere que os habitantes podem ter se deslocado para zonas agrícolas, ou que, inspirados pela nova consciência da pólis, eles podem ter se deslocado para alguma cidade, como Paros. Ele cita, como casos paralelos, o abandono de Lefkandi e o abandono quase contemporâneo de Zagora, em Andros. No entanto, uma outra interpretação destes abandonos foi apresentada por A. M. Snodgrass. Ele sugere que estas comunidades eram predominantemente pastorais e basicamente sedentárias enquanto as pastagens permaneceram adequadas, deslocando-se apenas quando o esgotamento do solo tornava-o necessário.

A deserção de Zagora ocorreu por volta dos anos 700 a.C. O sítio abandonado fica sobre um promontório íngreme que foi selecionado para o assentamento, apesar da presença de melhores sítios na proximidades, com portos e abastecimento de água mais adequado. (Não existem nascentes dentro da área fortificada de Zagora, mas três ou quatro fontes existem no entorno). Era um sítio adequado para evitar ataques de piratas, mas não capaz de suportar um cerco longo. A arqueóloga, A. Cambitoglu, inferiu que fatores defensivos foram os únicos motivos para a sua ocupação e que seu abandono foi provavelmente motivado pela escassez de água (talvez agravado por um terremoto que danificou as nascentes próximas) e por uma melhoria geral das condições na área do mar Egeu que fizeram com que as dificuldades do sítio de refúgio deixassem de ser necessárias. Cambitoglu sugeriu Palaeopolis como o novo sítio, pois ele oferecia a proximidade de um porto e um abastecimento de água adequado. A. M. Snodgrass chama a situação de “um ato de sinecismo, no seu sentido físico mais amplo”, mas não há nenhuma evidência para isto. De fato, a evidência arqueológica está longe de fornecer uma visão clara da história de Zagora, pois P. G. Themelis até sugeriu que o sítio não foi um assentamento de modo algum, mas uma necrópole. Embora ele tenha recuado, desde então, em relação a esta hipótese, com base em escavações posteriores que, aparentemente, têm demonstrado que Zagora foi, de fato, uma cidade, a controvérsia sobre a natureza do sítio ainda é uma séria lembrança da natureza silenciosa da evidência arqueológica e do caráter provisório de qualquer conclusão tirada a partir da mesma, quando o contexto histórico está ausente.

Empório, em Quios, também sofreu uma mudança da população no período Arcaico, mas a evidência arqueológica sugere que esta foi gradual. Inicialmente, Empório estava localizada em uma encosta logo abaixo de uma

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		17 de 20									

acrópole, cujos muros protegiam um *mégaron* e um santuário. Por volta de 600 a.C., os habitantes tinham abandonado a encosta e se mudado para as proximidades de outro santuário no porto. A mudança parece ter sido gradual, na qual a conveniência do sítio no porto exerceu sua atração, enquanto as vantagens do sítio na encosta, como um refúgio contra os piratas, tornaram-se menos valorizadas uma vez que a pirataria diminuiu. Sendo gradual, a mudança deste assentamento não o qualifica tecnicamente como uma *metóikesis*, e é pouco provável que tenha sido associado a uma mudança política fundamental, mas é provável que seja representativo de um grande número de deslocamentos que deixaram vestígios ambíguos no registro arqueológico do século VII a.C., como a ameaça da pirataria diminuiu com a recuperação após a Idade das Trevas.

Assim, a arqueologia, neste momento, não oferece provas conclusivas de que os primeiros sinecismos físicos ou realocações únicas criaram uma nova entidade, a pólis. No entanto, é possível que os relatos lendários que atribuíram a criação de *póleis* específicas ao sinecismo físico de comunidades preexistentes possam esclarecer a questão. Podem estas histórias mitológicas conter o núcleo da verdadeira história em forma mitológica? Existem surpreendentemente poucos desses relatos, conforme a lista seguinte mostra, ainda que eu não possa garantir que inclua todos: três cidades cretenses (Cnossos, Phaestos e uma perdeu-se em nossos manuscritos) sofreu sinecismo por Minos [Ephorus *ap.* Estrabão 10.4.8, 14]; Boeae [Paus. 3.22.11]; Troezen [Paus. 2.30.8]; Polyrrenhia [Estrabão 10.4.13]; Patrae [Paus. 7.18.6; 7.21.6]; e Élis [Paus. 5.4.3].

Segundo Ephorus, Minos emulou Rhadamanthys, o justo, que tinha feito o sinecismo das *póleis*, dividindo Creta em três partes e realizado o sinecismo de uma cidade em cada. Nosso ceticismo natural sobre os atos atribuídos ao lendário Minos é, neste caso, apoiado pelos achados da arqueologia moderna. De fato, Cnossos forneceu a Coldstream um contra-exemplo para a explicação teórica de Aristóteles sobre a origem da pólis pelo sinecismo, pois ali, a evidência arqueológica mostra que o assentamento foi concentrado em uma área desde o início. Segundo Coldstream, os grupos isolados de enterramentos que foram interpretados anteriormente como evidência habitação de estilo de aldeia, são melhores interpretados como o resultado da reutilização de sítios de enterramento da Idade do Bronze. A atividade atribuída a Minos, de fato, mais se assemelha ao poder construtivo dos sinecismos do período Clássico, que criou fortes cidades capitais, como Siracusa e Rodas, do que a criação de embriões de *póleis*.

Em sua descrição do sinecismo de Patrae, Pausânias relata que o jônio Triptolemo ensinou o Rei Eumelus, dos autóctones, o cultivo do solo e a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		18 de 20									

fundação de cidades. A primeira cidade fundada por Eumelus foi nomeada Aroe. Uma segunda cidade, Antheia, foi fundada por Eumelus e Triptolemo, e recebeu o nome do filho de Eumelus, Antheus, que pereceu tentando semear grãos com a carruagem mágica de Triptolemo. Uma terceira cidade, Mesatis, também foi fundada. Nenhuma destas três histórias de fundação alega um sinecismo ou a realocação de uma cidade; todas eram fundações originais de pólis de povos não urbanizados. Mas a próxima etapa, na narrativa de Pausânias, envolve um sinecismo. A história diz que os acaios, vindos de Argos e da Lacedemônia por causa dos dórios, expulsaram muitos jônios pouco depois da Guerra de Tróia; no entanto, Patreus, o chefe do ramo dos lacedemônios dos acaios, proibiu seus seguidores de se assentarem nas cidades jônicas de Antheia e Mesatis. Em vez disso, ele utilizou Aroe, construindo um muro em torno dela e movendo os habitantes de Antheia e Mesatis para lá, nomeando sua nova cidade Patrae.

Pausânias informa que três estátuas de Dioniso, chamadas Mesateus, Antheus e Aroeus em razão das cidades antigas, ficavam em um precinto sagrado de uma divindade local feminina. A presença das estátuas pode refletir um sinecismo, com realocações de cultos; por outro lado, a existência das três estátuas poderia ter dado origem à tradição do sinecismo das três cidades.

Outra possível confirmação de um sinecismo das três cidades, para a cidade de Patrae tem sido afirmada pelo epíteto de Artemisa Triklaria, que foi homenageada como a defensora do sinecismo. J. Herbillon argumenta, no entanto, que *klêros* (lote de terra), tem um sentido diferente de *kóme* (aldeia), e que não há nada na tradição sobre loteamento de terras; além disso, o prefixo *tri*, pode ser pré-grego e, portanto, não tem qualquer relação com o número três. Ártemis foi homenageada em outras como Klária, um nome muitas vezes ligado a um rio. Herbillon sugere, portanto, que o rio em Patrae, originalmente recebeu o nome de rio não indo-europeu, Triklaria, e que o epíteto Triklaria foi dado a Ártemis em virtude do rio. Novamente, um equívoco sobre o epíteto pode ter contribuído para a tradição relatada por Pausânias sobre um sinecismo das três cidades.

Uma tradição variante de Patrae, registrada por Estrabão no contexto de uma lista aparentemente dos sinecismos na Arcádia pós-Guerra Persa, relata um sinecismo de sete comunidades. Uma análise mais aprofundada da lista de Estrabão (ver capítulo 5), no entanto, demonstra que ela incluía sinecismos de datas muito variadas. O relato de Estrabão pode ser, no entanto, significativo: em 279 a.C., após sofrer fortemente no combate contra os gauleses, Patrae foi dividida em aldeias (embora apenas seis sejam nomeadas). Ainda mais tarde,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		19 de 20									

ela teria sofrido novo sinecismo por Augusto, como uma colônia romana. As sete comunidades de Estrabão podem refletir estes eventos mais tardios.

À luz dessas tradições divergentes, E. Curtius, seguido por Moggi, tem postulado dois sinecismos anteriores a Augusto para Patrae: um sinecismo original das três cidades (que Moggi datas do século sexto), e um segundo sinecismo durante o período das Guerras Persas, no qual as três comunidades restantes de Bolina, Angyra e Arba foram incorporadas. A sugestão de Curtius, porém, não foi amplamente aceita, e ela talvez seja melhor considerar as tradições variantes como criações posteriores. Tanto a desintegração de Patrae em 279 a.C. e o novo sinecismo realizado por Augusto oferecem oportunidades para o desenvolvimento de uma história mítica anacrônica da pólis.

O sinecismo de Boeae, na ponta sudeste da Peloponeso, é atribuída por Pausânias a Boeus, um dos Heráclidas. Segundo a tradição, Boeus expulsou os povos das três cidades de Etis, Aphrodisias e Side, e os refugiados, que não sabiam para onde se dirigir, receberam um oráculo de Ártemis que uma lebre seria sua guia. A lebre indicou o lugar para a criação da nova cidade ao entrar em uma árvore de mirto. Pausânias acrescenta que as ruínas de Etis não ficava a mais de sete estádios de Boeae, e que incluíam vestígios notáveis de um santuário de Asclépio e Hygeia.

A evidência de que estas comunidades supostamente incorporadas ainda existiam como centros de habitação no período Clássico é, contudo, fornecida por Tucídides, que menciona Aphrodisias, embora ele não dê qualquer informação sobre o seu estatuto político, e por Ps. Scymnus, que registra Side como uma pólis e um porto. Este relato de Ps. Scymnus pode ser datado de meados do século quarto, mas pode ser do século sexto. Seu uso do termo pólis parece, no entanto, não fazer referência ao seu estatuto político, pois, como Moggi nota, ele também identifica Elêusis e o Pireu como *póleis*.

Apesar de alguma informação de Ps. Scymnus datar do século sexto, parece improvável que um manual de navegação continuamente reeditado contenha tais informações sobre grandes centros. Moggi sugere uma data no nono século para o sinecismo de Boeae, mas ele admite que o sinecismo pode datar do segundo século, ou mesmo para a época de Augusto.

O sinecismo de Troezen foi registrado por Pausânias. Conforme ele relata a história, dois assentamentos indígenas sofreram sinecismo com Troezen pelos recém-chegados filhos de Pelops. Estrabão, por outro lado, não menciona um sinecismo em sua narrativa, embora ele aluda a uma situação perturbada associada a isto quando ele relata que um dos governantes indígenas originais

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Realocação Urbana na Grécia Arcaica e Clássica	Jan/ 2010
labeca		20 de 20									

fundou Halicamasso. Mais uma vez, enquanto a história de Troezen é mitológica, ela pode refletir as memórias de uma população indígena que esteve sob o poder de dórios recém-chegados. Achados arqueológicos sugerem uma data para a fundação de Troezen no final do nono ou no início do oitavo séculos.

Para Polyrrhenia, temos apenas a breve declaração de Estrabão de que as pessoas tinha vivido à maneira de aldeia até que os acaios e os lacônios realizaram o sinecismo das mesmas em uma cidade murada.

Finalmente, há o sinecismo mitológico de Élis relatado por Pausânias. Segundo Pausânias, as populações das aldeias perto de Élis foram persuadidas por Oxylus a vir para a cidade, e um oráculo foi obtido de Delfos para trazer um dos Pelopidas como co-fundador da cidade sinecizada. Assim Agorius veio de Helice, na Acaia, com um pequeno grupo de acaios, e uma cidade maior e mais próspera foi criada. Moggi rejeita uma data pré-histórica para este sinecismo, considerando o conto mitológico como sendo simplesmente uma retrospectiva do sinecismo do século quinto de Élis.

Embora o mito não deva ser lido como história, ele pode algumas vezes nos dizer algo sobre o que os gregos pensavam. Um elemento comum em todas estas tradições de criação de *póleis* por sinecismo é a chegada de novos povos que reorganizaram o território que ocuparam. Este elemento comum sugere que o sinecismo físico das *póleis* existentes não era encarado como uma fase normal na formação da pólis, mas sim como uma situação incomum que ocorreu em alguns casos de invasão por um novo povo.

Um segundo elemento comum nesses mitos é a frequência com que têm sido interpretados como projeções retrospectivas de acontecimentos posteriores. A ideia de projeções anacrônicas podem também oferecer um bom indício sobre a declaração de Aristóteles sobre a formação da pólis. Os sinecismos foram frequentes no quinto e quarto séculos, como veremos a seguir; por vezes, eles ampliavam uma cidade já existente, como nos casos de Siracusa e Halicarnasso e, outras vezes, eles criavam uma nova pólis em um novo sítio, como nos casos de Megalopólis e Rodes. A familiaridade de Aristóteles com este tipo de criação da pólis por meio do poder construtivo do sinecismo físico pode ter induzido ao erro de aplicar o conceito de modo anacrônico ao problema da origem da pólis.

Nem a arqueologia nem o mito apóiam a teoria de que a pólis teve origem no sinecismo. Além disso, vimos que o silêncio da evidência arqueológica, embora possa ser sugestivo das realocações iniciais é, de fato, muito difícil de interpretar. Nos temos sorte de ter uma testemunha literária quase contemporânea sobre as realocações iniciais em Homero.